

## A Ciência e a Intolerância

*José Leite Lopes*<sup>1</sup>

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - CBPF  
Rua Dr. Xavier Sigaud, 150  
22290-180 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil

Encontramos intolerância no nível de indivíduos, de grupos sociais, de sociedades, de governos.

Um exemplo clássico de intolerância ao longo da história foi a condenação de Galileu Galilei pelo Santo Ofício da Igreja Católica nos anos de 1600, por suas atividades científicas pioneiras. Com Isaac Newton, seu sucessor, lançou as bases da física moderna; com suas descobertas, sobretudo as observações pelo telescópio, da existência de movimentos de satélites em torno do planeta Júpiter, contrariou a física de Aristóteles, incorporada pela Igreja à teologia de São Tomás de Aquino – um dogma que deveria ser inatacável, absoluto. Negar o movimento dos corpos celestes em torno da Terra era cometer blasfêmia contra os livros sagrados da Igreja, tendo como consequência a morte na fogueira, executada pela Inquisição. Mas além da ação das autoridades religiosas, historiadores acusam colegas aristotélicos de Galileu na universidade como promotores importantes da condenação do físico.

É um exemplo histórico de intolerância que envolve professores universitários em relação a um colega. Provavelmente, essa intolerância levou Giordano Bruno a ser efetivamente queimado – ele negava o modelo do cosmos fechado de Aristóteles e afirmava que o espaço era aberto e infinito – um espaço euclideo – onde ficaria então Deus que estava fora da última esfera – a das estrelas fixas – de Aristóteles?

Da Igreja passou a intolerância a governos, a sistemas políticos e exemplo recente é a dos nazistas em relação aos judeus. Uma intolerância que necessitou de uma guerra mundial para erradicá-la.

Na América Latina, houve recentemente a intolerância das ditaduras militares, dos chamados regimes autoritários – Brasil, Argentina e Chile são os exemplos mais evidentes – contra os que pregavam a liberdade de pensamento e de expressão, contra os socialistas, contra cientistas e intelectuais independentes. Para essa intolerância contribuíram igualmente professores e reitores de universidades que apontavam colegas como subversivos – daí a denominação *dedos duros* dada aos delatores.

Intolerância que não se deve esquecer foi a do macartismo nos Estados Unidos, nos anos 50, que conduziu à condenação, entre outros, do físico Robert Oppenheimer, que o afastou das atividades que exercia como conselheiro do governo dos Estados Unidos em questões de energia e de ciência nuclear. Até Albert Einstein teve de comparecer perante a

---

<sup>1</sup>Professor Emérito CBPF, UFRJ e ULP de Strasbourg

Comissão Parlamentar de Atividades Anti-Americanas, que alimentava grave intolerância contra os espíritos livres e criadores.

Devemos certamente repudiar o stalinismo que dominou a União Soviética e cujas múltiplas intolerâncias sacrificariam tantas vidas e perseguiram homens do calibre de Dimitri Schostakovitch e Andre Sakharov, entre tantos outros.

A intolerância deve, pois, ser combatida. Para isso, mais importante ainda que o exercício da ciência, em nível mais fundamental, é a educação dos povos.

Nos países sub-desenvolvidos, ou menos avançados, cujo nível de vida se afasta cada vez mais daquele das nações ricas, para baixo, é a educação básica, a universalização da educação básica, que conduzirão as pessoas a ter uma visão racional do mundo e da sociedade em que vivemos. A educação básica generalizada, embora não resolva todos os problemas que surgem nas sociedades, é que contribuirá a uma maior saúde intelectual dos homens. Claro, essa educação básica na Alemanha não impediu a subida do nazismo, apoiado por praticamente toda a população daquele país. É que além dela existem as questões econômicas, políticas e históricas que contribuem para o surgimento de problemas graves de intolerância. Israel e Palestina têm intolerância mútua histórica. E esquecemos, os do mundo ocidental, das grandes contribuições que deram os Árabes à cultura ocidental, realizações de extraordinária riqueza. Foram eles que transmitiram à Europa escritos dos filósofos da Grécia Antiga.

O sistema político que se instalou na República de Cuba desde 1957 estabeleceu um governo que tomou iniciativas que desagradaram profundamente àqueles que dominavam o regime anterior – de subjugação dos muitos pobres pelos poucos ricos, que transformavam o país num paraíso para os grandes proprietários de usinas, de terras, de casinos, de prostíbulos.

O regime político ali instalado é o único na América Latina que universalizou a educação para o povo, a saúde, a alimentação básica da população. Fez progredirem de maneira extraordinária trabalhos de pesquisa científica, como os de medicina e genética – e é em Cuba que são tratadas as vítimas da explosão nuclear de Chernobyl.

É profundamente lamentável a intolerância do governo dos Estados Unidos para com este país. Esquece-se facilmente que revoluções dignas deste nome tiveram que tomar medidas duras – lembremo-nos da guilhotina na mais importante das revoluções, a Revolução Francesa de 1789, que trouxe modificações que repercutiram, através dos séculos no mundo moderno. A intolerância do governo dos Estados Unidos em relação a Cuba, por ter aí instalado o sistema socialista, não se estende, entretanto, a outras nações com sistema análogo tal o caso da República Popular da China.

É uma covardia intolerável que a comunidade mundial de governos permita esta agressão que fazem os Estados Unidos impondo um bloqueio econômico de Cuba – desejassem ali, talvez, uma democracia como a que existe no Brasil, de impedimento de educação básica de milhões de crianças, de um sistema público de hospitais incapazes de dar assistência à maioria da população, de crianças abandonadas nas ruas, fora das escolas ou obrigadas a trabalhar. Dirige-se a este desrespeito dos direitos humanos um olho cego, um olho de vidro. Situação esta no meu país que não é preocupação para os poderosos industriais do Brasil, que adotaram a moda de criticar as universidades públicas mas que nunca delas tomaram conhecimento para solicitar trabalhos e inovações e muito menos ampará-las financeiramente, como o fizeram os industriais nos Estados Unidos, os

Andrew Carnegie, os George Eastman, John D. Rockefeller, Andrew Mellon, Pierre Du Pont, Vanderbilt, Stanford.

Inclino-me perante a memória de homens como Bertrand Russel, Jean-Paul Sartre e Albert Einstein e presto modesta homenagem a Noam Chomsky – a voz da liberdade e da justiça social nos Estados Unidos da América.

Submeto a esta Assembléia reunida para fundar a *Rede das Américas para a Tolerância e a Sociedade*<sup>2</sup> que não deve ser uma ação entre amigos mas antes uma organização dotada da lucidez e coragem – a seguinte moção:

#### Moção

*“Os cientistas reunidos no Seminário Internacional sobre ciência, cientistas e tolerância, na Universidade de São Paulo, nos dias 18 a 21 de novembro de 1997: condenam com veemência a intolerância do governo dos Estados Unidos da América para com a República de Cuba e exigem a imediata suspensão do injustificado bloqueio econômico desta República, que afeta perigosamente a vida das crianças, das mulheres e dos homens, de todo o povo deste país irmão”*

---

<sup>2</sup>Seminário Internacional patrocinado pela UNESCO e pela Universidade de São Paulo, de 18 a 21 de novembro de 1997, na USP.